

ANTÓNIO GRAMSCI

**OBRAS ESCOLHIDAS**

Volume II

**Distribuidor no Brasil:**  
Livraria Martins Fontes  
Praça da Independência, 12  
Santos — S. Paulo



1974  
EDITORIAL ESTAMPA  
LISBOA

## PROBLEMAS DA VIDA CULTURAL

*A formação dos intelectuais* <sup>(1)</sup>

Os intelectuais são um grupo social autónomo e independente, ou cada grupo social tem uma sua própria categoria especializada de intelectuais? O problema é complexo pelas várias formas que assumiu até agora o processo histórico real de formação das diversas categorias intelectuais.

As mais importantes destas formas são duas:

1. Cada grupo social, nascendo sobre o terreno originário de uma função essencial no mundo da produção económica, cria para si, ao mesmo tempo e organicamente, um ou mais grupos de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função não só no campo económico, mas também no campo social e político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, a organização de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc. Convém notar o facto que o empresário representa uma elabora-

---

<sup>(1)</sup> Extraído das *Opere: Gli Intellettuali e l'organizzazione della cultura*, Torino, Einaudi, 1949, pp. 3-19 (NTP).

ração social superior, já caracterizada por uma certa capacidade dirigente e técnica (isto é intelectual): deve ter uma certa capacidade técnica, não só na esfera circunscrita da sua actividade e da sua iniciativa, mas também nas outras esferas, pelo menos naquelas mais vizinhas à produção económica (deve ser uma organização de massas de homens; deve ser um organizador da «confiança» dos economizadores na sua empresa, dos compradores da sua mercadoria, etc.).

Se não todos os empresários, pelo menos uma elite deles deve ter uma capacidade de organização da sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até ao organismo estatal, pela necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe — ou deve possuir pelo menos a capacidade de escolher os «caixeiros» (empregados especializados) a quem confiará esta actividade organizadora das relações gerais externas da empresa. Pode observar-se que os intelectuais «orgânicos», que cada nova classe cria consigo mesma, e que elabora no seu desenvolvimento progressivo, são, na maior parte dos casos, «especializações» de aspectos parciais da actividade primitiva do novo tipo social a que a nova classe deu origem (1).

(1) É preciso examinar nesta rubrica os *Elementi di scienza politica* de Mosca (nova edição aumentada de 1923). A chamada «classe política» de Mosca não é outra coisa senão a categoria intelectual do grupo social dominante: o conceito de «classe política» de Mosca deve aproximar-se do conceito de elite de Pareto, que é uma outra tentativa de interpretar o fenómeno histórico dos intelectuais e da sua função na vida estatal e social. O livro de Mosca é uma enorme mixórdia de carácter sociológico e positivista, e além disso com uma tendenciosidade de política imediata que o torna menos indigesto e literariamente mais vivo.

Também os senhores feudais eram detentores de uma particular capacidade técnica, a capacidade militar, e é precisamente a partir do momento em que a aristocracia perde o monopólio da capacidade técnico-militar que se inicia a crise de feudalismo. Mas a formação dos intelectuais no mundo feudal e no precedente mundo clássico é uma questão a examinar à parte: esta formação e elaboração segue vias e modos que é preciso estudar concretamente. Assim, é de notar que a massa dos camponeses, muito embora desempenhe uma função essencial no mundo da produção, não elabora os próprios intelectuais «orgânicos» e não «assimila» nenhum grupo de intelectuais «tradicionais», muito embora outros grupos sociais tirem da massa dos camponeses muitos dos seus intelectuais, e grande parte dos intelectuais tradicionais sejam de origem camponesa.

2. Mas cada grupo social «essencial» (1), emergindo na história a partir da precedente estrutura económica e como expressão de um seu desenvolvimento (desta estrutura), encontrou, pelo menos na história que até hoje se desenrolou, categorias intelectuais preexistentes e que, pelo contrário, apareciam como representantes de uma continuidade histórica ininterrupta, mesmo das mais complicadas e radicais mudanças das formas sociais e políticas.

A mais típica destas categorias intelectuais é a dos eclesiásticos, monopolizadores, durante muito tempo (durante uma inteira fase histórica que é, em parte, caracterizada por este monopólio) de alguns serviços importantes: a ideologia religiosa, isto é a filosofia e a ciência da época, com a escola, a ins-

(1) Grupos sociais «essenciais» são os que foram, ou são, sob ponto de vista histórico, capazes de assumir o poder e de tomar a direcção das outras classes: tais são, por exemplo, a burguesia e o proletariado (NEF).

trução, a moral, a justiça, a beneficência, a assistência, etc. A categoria dos eclesiásticos pode ser considerada a categoria intelectual organicamente ligada à aristocracia fundiária: era equiparada juridicamente à aristocracia, com a qual dividia o exercício da propriedade feudal da terra e o uso dos privilégios estatais ligados à propriedade (1). Mas o monopólio das sobreestruturas por parte dos eclesiásticos (2) não foi exercido sem luta e limitações, e portanto deu-se o nascimento, sob várias formas (que se devem procurar e estudar concretamente), de outras categorias, favorecidas e engrandecidas pelo reforçamento do poder central do monarca, até ao absolutismo. Assim se veio a formar a aristocracia da toga, com os seus próprios privilégios, um grupo de administradores, etc.; cientistas, filósofos não eclesiásticos, etc.

(1) Para uma categoria destes intelectuais, a mais importante talvez depois da dos «eclesiásticos», pelo prestígio e pela função que desempenhou nas sociedades primitivas — a categoria dos médicos em sentido lato, isto é de todos aqueles que lutam ou parecem lutar contra a morte e as doenças — será preciso ver a *Storia della medicina* de Arturo Castiglioni. Recorde-se que houve uma conexão entre a religião e a medicina e ainda em certas zonas continua a existir; hospitais na mão de religiosos para certas funções organizativas, para além do facto que onde aparece o médico deve aparecer também o padre (exorcismos, assistência vária, etc.). Muitas grandes figuras religiosas eram também e foram concebidas como grandes «terapeutas»: a ideia do milagre, até à ressurreição dos mortos. Também para os reis continuou durante muito tempo, a existir a crença que podiam curar com a imposição das mãos, etc.

(2) Daqui nasceu a acepção geral de «intelectual» ou de «especialista», da palavra «clérigo», em muitas línguas de origem neolatina ou fortemente influenciadas, através do latim eclesiástico, pelas línguas neolatinas, com o seu correlativo de «leigo» no sentido de profano, não especialista.

Assim como estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem com «espírito de corpo» a sua ininterrupta continuidade histórica e a sua «qualificação», assim se põem a si mesmos como autónomos e independentes do grupo social dominante. Esta autoposição não deixa de ter consequências no campo ideológico e político, e consequências de vasto alcance: toda a filosofia idealista se pode facilmente pôr em conexão com esta posição assumida pelo conjunto social dos intelectuais, e pode definir-se a expressão desta utopia social pela qual os intelectuais se julgam «independentes», autónomos, revestidos de características que lhe são próprias, etc.

É de notar, porém, que se o Papa e a alta jerarquia da Igreja se julgam mais ligados a Cristo e aos apóstolos do que aos senadores Agnelli e Benni (1), o mesmo não acontece para Gentile e Croce, por exemplo; especialmente Croce sente-se ligado fortissimamente a Aristóteles e a Platão, mas não esconde, pelo contrário, estar ligado aos senadores Agnelli e Benni, e nisto se deve precisamente procurar o carácter mais evidenciado pela filosofia de Croce (2).

Quais são os limites «máximos» da acepção de «intelectual»? Pode encontrar-se um critério unitário para caracterizar igualmente todas as diversas e dispersas actividades intelectuais e para as distinguir ao mesmo tempo e de um modo essencial

(1) Senadores e representantes do capitalismo italiano: Agnelli era um dos principais accionários da Fiat e Benni da Montecatini (NEF).

(2) Croce desmentiu que tivesse conhecido Agnelli e Benni. É evidente que aqui Gramsci fazia alusão não a laços físicos ou materiais, mas ao facto que Croce teria traduzido, sobre o terreno da cultura, as exigências económicas e políticas do grande capital italiano, numa fase determinada do seu desenvolvimento (NEF).

das actividades dos outros grupos sociais? O erro metódico mais difuso parece-me ser o de ter procurado este critério de distinção no intrínseco da actividade intelectual e não, pelo contrário, no conjunto do sistema de relações em que eles (e portanto os grupos que os personificam) se vêm a encontrar no conjunto geral das relações sociais. Com efeito, o operário ou proletário, por exemplo, não é especificamente caracterizado pelo trabalho manual ou instrumental mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais (à parte a consideração que não existe trabalho puramente físico e que também a expressão de Taylor de «gorila amansado» é uma metáfora para indicar um limite numa certa direcção: em qualquer trabalho físico, mesmo o mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é um mínimo de actividade intelectual criadora). E foi já observado que o empresário, pela sua mesma função, deve ter em certa medida um certo número de qualificações de carácter intelectual, se bem que a sua figura social seja determinada não por elas mas pelas relações gerais sociais que caracterizam precisamente a posição do empresário na indústria.

Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer por isso; mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (1).

Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, na realidade referimo-nos apenas à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é tem-se em conta a direcção em que se apoia o peso maior da específica actividade profis-

(1) Assim também se não pode dizer que, pelo facto que cada um, em certas alturas, frite dois ovos ou cosa um resgão do casaco, todos são cozinheiros ou alfaiates.

sional, se na elaboração intelectual ou no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, não se pode falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais. Mas a mesma relação entre esforço de elaboração intelectual-cerebral e esforço muscular-nervoso nem sempre é igual; têm-se portanto diversos graus de actividade específica intelectual. Não há actividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual, não se pode separar o 'homo faber' do 'homo sapiens'. Cada homem, enfim, fora da sua profissão exerce uma certa actividade intelectual, isto é, é «filósofo», artista, homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, tem uma consciente linha de comportamento moral, contribui portanto para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é para suscitar novos modos de pensar.

O problema da criação de um novo grupo intelectual consiste portanto no elaborar criticamente a actividade intelectual que existe em cada um num certo grau de desenvolvimento, modificando a sua relação com o esforço muscular-nervoso num novo equilíbrio e obtendo que o mesmo esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de actividade prática geral, que inova perpetuamente o mundo físico e social, se torne o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. O tipo tradicional e vulgarizado de intelectual é dado pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas, que julgam ser literatos, filósofos, artistas, julgam também ser os «verdadeiros» intelectuais. No mundo moderno, a educação técnica, estritamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve formar a base do novo tipo de intelectual.

Sobre esta base trabalhou o semanário *Ordine Nuovo*, para desenvolver certas formas de novo in-

telectualismo e para determinar os novos conceitos, e esta não foi uma das menores razões do seu sucesso, porque uma tal posição correspondia a aspirações latentes e estava em conformidade com o desenvolvimento das formas reais de vida. O modo de ser do novo intelectual não pode continuar a consistir na eloquência, motriz exterior e momentânea dos afectos e das paixões, mas no misturar-se activamente na vida prática, como construtor, organizador, «persuasor permanente» porque não puro orador — e todavia superior ao espírito abstracto matemático; da técnica-trabalho atinge-se a técnica-ciência e a concepção histórica humanística, sem a qual se permanece «especialista» e não se torna «dirigente» (especialista + político).

Formam-se assim historicamente categorias especializadas para o exercício da função intelectual, formam-se em conexão com todos os grupos sociais mas especialmente em conexão com os grupos sociais mais importantes e sofrem elaborações mais extensas e complexas em conexão com o grupo social dominante. Uma das características mais relevantes de cada grupo que se desenvolve para o domínio é a sua luta pela assimilação e pela conquista «ideológica» dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que é tanto mais rápida e eficaz quanto mais esse grupo elabora simultaneamente os próprios intelectuais orgânicos.

O enorme desenvolvimento assumido pela actividade e pela organização escolástica (em sentido lato) nas sociedades saídas do mundo medieval indica qual a importância que assumiram no mundo moderno as categorias e as funções intelectuais: como se procurou aprofundar e dilatar a «intelectualidade» de cada indivíduo, assim também se procurou multiplicar e afinar as especializações. Isto aparece nas instituições escolásticas de diverso grau,

até aos organismos para promover a chamada «alta cultura», em qualquer campo da ciência e da técnica.

A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos graus. A complexidade da função intelectual nos diversos Estados pode medir-se, objectivamente, pela quantidade de escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa é a «área» escolástica e quanto mais numerosos os «graus» «verticais» da escola, tanto mais complexo é o mundo cultural, a civilização de um determinado Estado. Pode obter-se um termo de comparação na esfera da técnica industrial: a industrialização de um país mede-se pela sua aparelhagem na construção de máquinas para construir máquinas e na fabricação de instrumentos cada vez mais precisos para construir máquinas, etc. O país que tem a melhor aparelhagem para construir instrumentos para os gabinetes experimentais dos cientistas, pode dizer-se que é o mais complexo no campo técnico-industrial, o mais civil, etc. Assim também sucede na preparação dos intelectuais e nas escolas destinadas a esta preparação: escolas e institutos de alta cultura são assimiláveis. Também neste campo a quantidade não pode separar-se da qualidade. A mais refinada especialização técnico-cultural não pode deixar de corresponder a maior extensão possível da difusão da instrução primária e a maior solicitude para favorecer os graus intermédios no maior número possível. Naturalmente esta necessidade de criar a mais larga base social possível para a selecção e elaboração das mais altas qualificações intelectuais — isto é de dar à alta cultura e à técnica superior uma estrutura democrática — não deixa de ter inconvenientes; cria-se assim a possibilidade de vastas crises de desemprego dos estratos médios intelectuais como acontece de facto em todas as sociedades modernas.

É de notar que a elaboração dos grupos intelectuais na realidade concreta não se dá sobre um terreno democrático abstracto, mas segundo processos históricos tradicionais muito concretos. Formaram-se grupos que tradicionalmente «produzem» intelectuais e são eles mesmos que habitualmente são especializados na «poupança», isto é a pequena e média burguesia fundiária e alguns estratos da pequena e média burguesia citadina. A diversa distribuição dos diversos tipos de escola (clássicos e profissionais) no território «económico», e as diversas aspirações das várias categorias destes grupos determinam ou dão forma à produção dos diversos ramos de especialização intelectual. Assim na Itália, a burguesia rural produz especialmente funcionários estatais e livre-profissionais, enquanto a burguesia citadina produz técnicos para a indústria; e por isso a Itália setentrional produz especialmente técnicos e a Itália meridional especialmente funcionários e profissões liberais.

A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como acontece para os grupos sociais fundamentais, mas é «mediata», em diverso grau, por todo o tecido social, pelo conjunto das sobreestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os «funcionários». Poder-se-ia medir a «organicidade» dos diversos estratos intelectuais, a sua mais ou menos estreita conexão com um grupo social fundamental, fixando uma graduação das funções e das sobreestruturas de baixo para cima (da base estrutural para cima). Podem-se fixar, por agora, dois grandes «planos» sobreestruturais, aquele que se pode chamar da «sociedade civil», isto é do conjunto de organismos vulgarmente chamados «privados» e o da «sociedade política ou Estado» e que correspondem à função de «hegemonia» que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e à de «domínio

directo» ou de comando que se exprime no Estado e no governo «jurídico». Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os «caixeiros» do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso «espontâneo» dado pelas grandes massas da população à direcção imprimida à vida social do grupo fundamental dominante, consenso que nasce «historicamente» do prestígio (e portanto da confiança) que deriva, para o grupo dominante, da sua posição e da sua função no mundo da produção; 2) do aparato de coerção estatal, que assegura «legalmente» a disciplina daqueles grupos, que não «consentem» nem activa nem passivamente, mas é constituído por toda a sociedade em previsão dos momentos de crise no comando e na direcção em que o consenso espontâneo vem a fazer falta.

Este modo de pôr o problema dá como resultado uma extensão muito grande do conceito de intelectual, mas só assim é possível atingir uma aproximação concreta da realidade. Este modo de pôr a questão choca contra preconceitos de casta: é verdade que a mesma função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal dá lugar a uma certa divisão do trabalho, e portanto a toda uma graduação de qualificações, nalgumas das quais não aparece já qualquer atribuição directiva e organizativa: no aparato de direcção social e estatal existe toda uma série de empregos de carácter manual e instrumental (de ordem e não de conceito, de agente e não de oficial ou funcionário, etc.); mas evidentemente que é preciso fazer esta distinção, como será também preciso fazer mais alguma. De facto, a actividade intelectual deve distinguir-se em graus, mesmo do ponto de vista intrínseco, graus que nos momentos de extrema oposição indicam uma autên-

tica diferença qualitativa: no mais alto grau devem pôr-se os criadores das várias ciências, da filosofia, da arte, etc.; no mais baixo, os mais humildes «administradores» e divulgadores da riqueza intelectual já existente, tradicional, acumulada (1).

No mundo moderno, a categoria dos intelectuais, assim entendida, ampliou-se de um modo inaudito. Foram elaborados pelo sistema social democrático-burocrático massas imponentes, não todas justificadas pelas necessidades políticas do grupo fundamentalmente dominante. Daí a concepção de Loria(2) do «trabalhador» produtivo (mas improdutivo em referência a quem e a que modo de produção?), que poderia em parte justificar-se se se tem em conta que estas massas exploram a sua posição para se assegurarem grossas fatias do rédito nacional. A formação de massa estandardizou os indivíduos, quer como qualificação individual, quer como psicologia, determinando os mesmos fenómenos que se verificam em todas as outras massas estandardizadas: concorrência que estabelece a necessidade da organização

(1) O organismo militar, também neste caso, oferece um modelo destas complexas graduações: oficiais subalternos, oficiais superiores, Estado-maior; e não é preciso esquecer os graduados da tropa, cuja importância real é superior ao que é costume pensar-se. É interessante notar que todas estas partes se sentem solidárias e, mais ainda, que os estratos inferiores manifestam um mais evidente espírito de corpo, e tiram dele um «orgulho» que muitas vezes os expõe à ironia e à troça.

(2) Esta concepção do «trabalhador improdutivo» é sobretudo exposta no *Cours d'économie politique* de Loria, publicado em 1909, e reeditado várias vezes. Segundo Loria, os «trabalhadores improdutivos» seriam «os poetas, os filósofos, os escritores de todos os géneros, os médicos, os advogados, os professores, etc...»; estariam em oposição aos «proprietários» (capitalistas) porque os proprietários queriam acrescentar o número daqueles a fim de menos pagar os seus serviços, enquanto o interesse deles quereria o contrário. É uma das numerosas extravagâncias de Loria (NEF).

profissional de defesa, desemprego, superprodução escolástica, emigração, etc.

*Diversa posição dos intelectuais de tipo urbano e de tipo rural*

Os intelectuais de tipo urbano cresceram juntamente com a indústria e estão ligados à sua sorte. A sua função pode ser comparada à dos oficiais subalternos no exército: não têm nenhuma iniciativa autónoma na elaboração dos planos de construção; põem em relação, articulanda-a, as massas instrumentais (1) com o empresário, elaborando a execução imediata do plano de produção estabelecido pelo Estado-maior da indústria, controlando as suas fases de trabalho elementares (2). Na sua média geral os intelectuais urbanos estão muito estandardizados; os altos intelectuais urbanos confundem-se sempre cada vez mais com o verdadeiro e próprio Estado-maior industrial.

Os intelectuais de tipo rural são em grande parte «tradicionais», isto é, ligados à massa social campestre e pequeno-burguesa da cidade (especialmente dos centros menores) não ainda elaborada e posta em movimento pelo sistema capitalista: este tipo de intelectual põe em contacto a massa camponesa com a administração estatal ou local (advogados, notários, etc.) e por esta mesma função tem um

(1) A massa instrumental, quer dizer os operários (NEF).

(2) A observação de Gramsci, válida em geral e, de maneira mais particular para a época em que escrevia, pode ser hoje completada. Novas funções, e não já somente de carácter técnico, mas para organizar o acordo dos operários com a direcção da empresa foram atribuídos, na sequência do exemplo dos Estados-Unidos, aos técnicos de fábrica (para aumentar a produtividade e, por conseguinte, em regime capitalista, o lucro). Pode determinar-se hoje, portanto, uma influência política directa destes técnicos sobre os operários (NEF).